



Presença: casa, cidade e pandemia

Presencia: hogar, ciudad y pandemia

Presence: home, city and pandemic

Paulo Eduardo Barbosa

*Doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, pesquisador no Grupo Museu/ Patrimônio – GMP FAUUSP.
pauloarqbarbosa@gmail.com*

Resumo

No presente artigo proponho pensar os efeitos da pandemia sobre a casa e a cidade buscando conceitos não hermenêuticos associados à presença como referência, relacionando arquitetura e cura.

Palavras-Chave: Presença. Casa. Cidade. Pandemia. Arquitetura.

Resumen

En el presente artículo me propongo pensar en los efectos de la pandemia en el hogar y en la ciudad, buscando conceptos no hermenéuticos asociados a la presencia como referencia, relacionando arquitectura y sanación.

Palabras-Clave: Presencia. Hogar. Ciudad. Pandemia. Arquitectura.

Abstract

In the present article I propose to think about the pandemic effects at home and in the city, looking for non-hermeneutical concepts associated with presence as a reference, relating architecture and healing.

Keywords: Presence. Home. City. Pandemic. Architecture.

PRESENÇA: CASA, CIDADE E PANDEMIA

No presente artigo discuto alguns dos impactos à casa e à cidade causados pela pandemia Covid-19, sendo casa e cidade compreendidas como documentos relativos aos modos de morar, hoje expostos à aceleração e aos efeitos transformadores do viver humano em fenômeno urbano. A casa é aqui analisada como espaço configurado por materialidade a cenarizar vida privada em diálogo com a malha urbana.

A pandemia do Coronavírus em 2020 no Brasil aumentou consideravelmente o tempo de permanência das pessoas dentro de suas casas, instabilizando previsões e impondo desafios aos pesquisadores, principalmente os da saúde, cujo esforço tem sido objeto de acentuadas disputas políticas e econômicas por todo o planeta. Todavia, pesquisas em outros setores como o habitar humano se viram repentinamente diante de uma questão sobreposta a todas as outras: condições precárias de moradia atestando políticas públicas sócio-culturais e econômicas ineficientes incrementaram exponencialmente os óbitos causados pela emergência sanitária.

O distanciamento social, recomendado pelos cientistas como única efetiva providência relativa à contaminação, mostrou-se medida incompatível com o modo

de vida urbano em metrópoles brasileiras. Afeitos ao ar livre possibilitado tanto pelo clima como por meios de socialização, muitos dos habitantes das grandes cidades complementam o exíguo espaço privado da moradia com a vida fora de casa, seja nos bares, calçadas, campinhos e praças. Esta conjunção entre espaço público e privado, interrompida diante das restrições impostas pela pandemia, revelou-se condição *sine qua non* para habitar nossas cidades, e não uma alternativa.

Repentinamente alterada a relação entre casa e cidade, parte da população se viu obrigada a utilizar meios digitais para comunicação, trabalho, estudo e também para se inserir em programas de ajuda financeira do governo federal, sendo que este acesso aos ambientes digitais se dá majoritariamente por meio do telefone celular, âmbito de operadoras privadas, que viram seus ganhos crescerem exponencialmente sem oferta de concessões gratuitas à título de contrapartida.

Diversos pesquisadores atentam aos prováveis efeitos deste período para as moradias e também às cidades, dado que redes e sistemas urbanos foram repentinamente identificados como ambientes propícios à disseminação do vírus, modificando suas dinâmicas de modo inesperado¹.

¹ Na região metropolitana de São Paulo, prefeitos de sete municípios que integram o Consórcio Intermunicipal do Grande ABC decidiram, no início de abril de 2020, suspender gradativamente os serviços municipais de transporte por ônibus até sua completa interrupção, programada para 29/04, voltando atrás depois de nova reunião em que constataram a impossibilidade desta medida. Pesquisa publicada pelo Centro de Estudos em Regulação e Infraestrutura da Fundação Getúlio Vargas (Lima, 2020) aponta que cerca de 50% das viagens relacionadas a motivos de saúde na cidade de São Paulo ocorrem por transporte público e as medidas de isolamento resultaram numa redução de 77% do número de passageiros no sistema de transporte público oferecendo sério risco a sustentabilidade financeira e operacional a esta infraestrutura urbana.



Figura 1: Estação Sé do metrô em São Paulo. Foto: Lauro Rocha

Metrópoles do hemisfério norte articulam pesquisadores em planejamento urbano e projeto como meio de adequar suas infraestruturas e responder ao impacto deste momento na vida de seus habitantes, antevendo na crise a oportunidade de priorizar regimentos com vieses sustentáveis e ambientais aos seus sistemas ²

Já em metrópoles latino-americanas, acentuou-se sobremaneira a ocupação de zonas centrais por populações vulneráveis, miserabilizadas, abandonadas pelo Estado e à espera de ações isoladas de entidades assistenciais. Por outro lado, um grande número de trabalhadores segue alternando a superlotação nas moradias à aglomeração em ineficientes sistemas de transportes públicos, disputando um mercado precarizado e que se reduz velozmente, por conta da crise econômica somada à socialização das perdas impostas pelo capitalismo globalizado.

² Os diversos enfrentamentos do planejamento urbano ante a realidade pós-Covid 19 são objeto do artigo de Mariana Andrade Bezerra e Moisés Ferreira Cunha Júnior publicado no site observatório das metrópoles.net.



Figura 2: Centro da cidade de Montevideo. Foto: Lauro Rocha

Conforme amplamente divulgado pela mídia e por sites especializados³, nos países latino-americanos, a anunciada catástrofe dizimou populações no Peru, Equador, Argentina, e atingiu seu recorde no Brasil nos colocando diante de *novas articulações entre o espaço público da cidade e o espaço privado da casa*. A velocidade da mudança que os procedimentos adequados ao enfrentamento da crise sanitária impõem ao binômio casa-cidade suscita um duplo desafio ao universo das pesquisas: de um lado a emergência de soluções e de outro, a carência de distância histórica.

Para nortear um debate acerca das transformações impostas ao modo de habitar e mesmo à representação da casa como sintoma da atualidade fundamento este debate no conceito de *contemporâneo* proposto por Giorgio Agamben. Igualmente na discussão sobre a produção de *presença*, dialogo com enunciado proposto por Hans Ulrich Gumbrecht, colocando estas premissas em face das concepções de *espaço* como expressão técnica de acordo com Milton Santos e da casa como *fato arquitetônico*, expressão de Bruno Zevi.

³ <https://sites.usp.br/iberoamericanoralhealth/coronavirus/>

HABITAR CONTEMPORÂNEO

Seja a universalidade, seja a velocidade na disseminação causada pelo vírus, a premente questão é como olhar o momento presente estando tão imerso nele? É preciso estabelecer, como nas palavras de Giorgio Agamben, “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (2010, p.59).

Agamben propõe a dissociação e o anacronismo como estratégias voltadas à leitura do contemporâneo. Vale dizer, se fomos todos nós, arremessados a uma experiência de vida cotidiana centrada em ausência, busca de isolamento e distanciamento, categorias que nos desarticulam enquanto grupos, uma contribuição ao entendimento do momento atual poderia estar na investigação que Hans Ulrich Gumbrecht empreendeu e conceituou como *produção de presença*. Gumbrecht observa a tensão em que somos postos em confronto entre presença e sentido na experiência estética. Mas focar em conflitos demanda dispositivos⁴ aptos à produção de presença para além da experiência estética, tensionando a vida cotidiana.

O desafio colocado especificamente à pesquisa na área das Humanidades, nos posiciona, segundo Gumbrecht, ante um problema epistemológico ocorrido por concentração de dimensões seja em sentido ou linguagem como lugares e instrumentos construtivos do mundo em contraponto à substancialidade corpórea e às dimensões espaciais próprios à existência humana, expresso pela dualidade experiência e percepção. O autor aponta em sua obra a necessidade de desenvolver conceitos não interpretativos, para acrescentá-los àqueles hermenêuticos, reconhecendo nesta operação “(...) um esforço contra as consequências e os tabus resultantes de entronizar a interpretação como prática central única nas Humanidades.” (2010, p.76)

O objeto de pesquisa de Gumbrecht instrumenta o enfrentamento ao presente momento em que dispositivos de imagem afirmam sua preponderância como

⁴Conforme Giorgio Agamben, “O dispositivo é qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.” (2009, p. 40)

ferramentas destinadas à experiência constantemente mediada, dado o enfrentamento da crise sanitária em que vimo-nos obrigados a nos distanciar socialmente, tornada a presença (*stricto sensu*) contagiosa. Giorgio Agamben compreende a fase extrema da consolidação capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação dos dispositivos.

A representação da casa na imagem veiculada pela internet confunde-se com uma edição de si, redimensionando a apresentação do espaço privado em esfera pública, hoje caracterizada, precariamente, pelo âmbito da tela. Esta plataforma de visibilidade incita a reconsiderar referências teóricas aptas à compreensão de aspectos e categorias expressas pela tensão entre dimensões do sentido (interpretação), e da presença (materialidade). Desde os anos 1970 Gumbrecht se ocupa de “fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido, sem serem eles mesmo, sentido” (2010, p.28), ampliando conceitos relacionados à recepção⁵.

A materialidade, segundo Gumbrecht, é uma importante dimensão existente em todos os fenômenos culturais, tão importante quanto o significado, entendendo que a interpretação por si só não pode fazer justiça à dimensão da presença, âmbito no qual os fenômenos e eventos culturais se fazem tangíveis impactando nossos sentidos e corpos.

A distância entre os corpos humanos e sua relação com a cultura foi também objeto investigativo do antropólogo americano Edward T. Hall. Em seu livro no final dos anos 1970, “A dimensão oculta”, o autor atesta que se poderiam atribuir círculos de raios absolutamente diversos ao espaço considerado íntimo, a diferentes povos, de modo análogo aos comportamentos encontrados em outros animais. Seu campo de estudo denominado *proxêmica* é hoje desafiado por regramentos afeitos à ordem sanitária. Subitamente, como aponta o texto de chamada desta edição, “um metro se tornou a medida da intimidade”.

⁵Gumbrecht formou-se em Teoria Literária na Universidade de Constança na Alemanha e segue ampliando e atualizando conceitos trabalhados por Hans Robert Jauss, de quem foi professor assistente, e Hans-Georg Gadamer contribuindo com uma obra que busca ultrapassar o estatuto central da interpretação nas chamadas Humanidades.

ESPAÇO DA CASA, ESPAÇO DA CIDADE

“Se o corpo é a autorreferência predominante numa cultura de presença, então o espaço, ou seja, a dimensão que se constitui ao redor dos corpos – deve ser a dimensão primordial em que se negociem as relações entre diferentes seres humanos e a relação entre os seres humanos e as coisas do mundo.”
(Gumbrecht, 2010, p. 110)

A localização da casa na cidade, categoria constitutiva de sua relação de vizinhança, é virtualizada na presença em tela, abstraída. Mora-se naquela imagem formato paisagem capturada pela câmera do dispositivo utilizado, em troca de se estar em precário contato. Há uma demanda pela substituição da presença física, em toda a complexidade de categorias que a constrói, pela experiência de compartilhamento audiovisual mediada pelos dispositivos, por força da emergência sanitária e risco de morte. A substituição procura alienar o usuário do dispositivo, simulando uma experiência para além dos limites técnicos impostos, capaz de atenuar nostalgia, perplexidade, medo, insegurança e outros sentimentos que dominaram a experiência da presença na atualidade.



Figura 3: Imagem captada de reunião virtual do Grupo Museu/Patrimônio GMP FAU USP em 15/08/2020 por meio da plataforma Zoom. Foto Hélio Herbst Jr.

A saída de casa, da dimensão privada da vida, em direção à vida pública na cidade implica em procedimentos protetivos ritualizados em ambientes hospitalares.

Máscaras, higienização das mãos com álcool em gel, cuidados com o distanciamento físico são novos regramentos da presença, complementares a adaptações espaciais dos ambientes de deslocamento, trabalho, consumo e lazer nas cidades. O urbano, aqui considerado como por Henri Lefebvre⁶, uma categoria de pensamento e expressão conceitual da cidade, cuja característica principal é a materialidade, em especial ao englobar o dado arquitetônico, vê sua condição referencial alterada.



Figura 4: Elevado Presidente João Goulart, São Paulo, SP. Foto: Lauro Rocha

Inesperadamente, aquilo que Gumbrecht nomeia como cultura de presença, prepondera sobre a cultura de sentido, o que nos faz pensar na utilidade de um repertório não exclusivamente hermenêutico de conceitos para compreender relações entre casa e cidade, neste momento dominado pela pandemia. Enquanto a autorreferência humana numa cultura de sentido é o pensamento, na de presença é

⁶ Para Lefebvre “A cidade e o urbano não podem ser compreendidos sem as instituições oriundas das relações de classe e de propriedade.” (2016, p. 62). Sua afirmação de que a cidade, embora sempre tenha tido relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes, com sua história e com as transformações por que passou não são resultados passivos da globalidade social, de suas modificações.

o corpo, e as coisas, além de materiais, teriam um sentido inerente, não apenas aqueles a elas conferido por meio da interpretação.

A realidade espacial do trabalho atualmente ultrapassa a ficção posto que muitos espaços de produção como salas de aula, escritórios, consultórios, sedes de empresas, migraram para o interior das casas das pessoas, reorganizando arranjos internos, obrigando a convivência continuada entre seus habitantes, a implementação de internet de melhor qualidade, o compartilhamento de redes, equipamentos e espaços capazes de possibilitar o seguimento da vida em certo nível de segurança.

O *home office*, expressão anglófona que denomina o local da casa adequado à atividade laboral, ampliou seu significado, caracterizando a condição de trabalho, muitas vezes sem nenhuma adequação espacial. Avanços qualitativos na ordem da arquitetura e do design aplicados aos espaços produtivos como a ergonomia, iluminação adequada, qualidade acústica, itens constitutivos dos espaços de produção, passaram a ser considerados supérfluos ante a emergência em se garantir produtividade nas casas dos trabalhadores.



Figura 5: Trabalho sendo desenvolvido em casa. Foto do autor

De modo semelhante podemos questionar que urbano será engendrado a partir de uma nova relação casa/cidade que se apresenta? O sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, fundamento da identidade, no caso das cidades é centrado na experiência física. A casa constrói a cidade e por ela é construída. Pesquisas eficientes requerem uma mínima distância histórica para configurar um repertório que nos auxilie a compreender de que maneira a virtualização na experiência da cidade por força de sua potencial letalidade, ou a presença mediada por novos procedimentos protetivos, irá reordenar a espacialidade da casa.

Interpretar o espaço, para Bruno Zevi, significa incluir todas as realidades de um edifício, considerando a continuidade da experiência espacial desde o interior na direção dos espaços externos configurados pelas ruas, praças, parques das cidades, resguardando ao espaço interior da arquitetura a categoria de *fato arquitetônico* que não pode ser conhecido e vivido senão por experiência direta. A premissa de Zevi se embasa na relação entre espaço doméstico e público da cidade reforçando a ideia da continuidade desta experiência bruscamente reorganizada pela pandemia do coronavírus.



Figura 6: Rua Roberto Simonsen, centro de São Paulo, SP. Foto: Lauro Rocha

A arquitetura, instrumento poético de mediação entre o homem e a natureza, busca criar espaços que favoreçam relações criativas, e mesmo transgressoras, entre si, por meio da técnica. Questões sanitárias sempre estiveram, entre outras, atuantes na prática da disciplina, fomentando o desenvolvimento tecnológico a partir da pesquisa, e as pandemias têm se mostrado fatores de aceleração na modificação tanto da casa como da cidade.

Pesquisadores apontam a primazia da arquitetura como instrumento de cura associada à epidemia de tuberculose na Europa⁷, representada por trabalhos como o Sanatório Paimio projetado por Alvar Aalto e sua primeira esposa Aimo em 1929 e construído no sudoeste da Finlândia em 1930. O edifício de geometria rígida possui estrutura aparente em amplos ambientes, longas fachadas em caixilhos de vidro deslizantes e um largo terraço com guarda-corpos de característica naval, elementos característicos do que conhecemos como arquitetura modernista, advindos dos anos 1920 no trabalho da Bauhaus na Alemanha, Le Corbusier na França e arquitetos russos na recém nascida União Soviética.

Beatriz Colomina⁸ cita a estreita colaboração entre jovens arquitetos e médicos de vanguarda na década de 1930 para buscar soluções espaciais que estariam mais tarde associadas aos princípios basilares da nascente arquitetura modernista. A cura da tuberculose, segundo a autora, era missão da arquitetura. Livrar-se dos espaços escuros, compartimentados, repletos de tecidos, tapeçarias constituiria motivo central desta busca. Tais esforços emularam o impacto da descoberta do Raio-X e da possibilidade em se visualizar o interior do corpo e, de certa forma, na transparência dos edifícios projetados por Aalto, Mies van der Rohe e outros. Mies inclusive descreve textualmente sua arquitetura como sendo de pele e ossos. Segundo a autora, o desejo pela visibilidade do Raio-X teve um impacto enorme na arquitetura fornecendo elementos para um paralelo entre os atuais conceitos de acessibilidade

⁷ Segundo Beatriz Colomina, no início do século XX uma em cada sete pessoas morria de tuberculose na Europa e, em metrópoles como Paris, a proporção chegava a uma em cada 3.

⁸ Beatriz Colomina, doutora pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona é atualmente professora do programa de media e modernidade na Universidade de Princeton, Nova Jérsei, EUA. Desenvolve pesquisas transdisciplinares sobre aspectos da arquitetura relacionados à guerra e a questões de gênero.

no campo do pensamento em projeto arquitetônico e urbanístico e a ideia propalada por Aalto de que a arquitetura deveria ser pensada sempre para os mais fracos para que pudesse atender ao maior número de pessoas.



Figura 7: Hospital Sarah Kubitschek, Lago Norte, Brasília, DF. Foto: Imagem Rede Sarah

No Brasil moderno, nos anos 1940, a Associação das Pioneiras Sociais criada durante o governo de Juscelino Kubitschek no estado de Minas Gerais, instituição viabilizadora da política mineira de puericultura, vai se valer do projeto de Oscar Niemeyer inicialmente e posteriormente de Joaquim Filgueiras Lima, Lelé, a partir da federalização do governo Kubitschek nos anos 1950, para criação de espaços de cura replicando uma lógica construtiva na visualidade do estado brasileiro associada à arquitetura moderna.

As qualidades sanitárias também estiveram no centro do pensamento urbanístico das cidades-jardim concebidas por Ebenezer Howard e Harry Parker no final do século XIX, em cujo desenho preponderam os espaços livres e verdes combinados a uma ordenação favorável à implantação de sistemas de saneamento e circulação de veículos.

Desenho urbano e da casa se modificam em função de novos modos de habitar em estreita relação com o implemento de tecnologias, caracterizando espaços a lugares

identificados a culturas específicas. Observe-se que na arquitetura japonesa, por exemplo, a casa tradicional possui um espaço intermediário entre a cidade e a intimidade do lar representado pelo *genkan*⁹. Seu piso é frequentemente revestido com o mesmo material do exterior neste recuo abrigado na mesma cota de nível da rua. Uma pequena elevação diferencia o espaço interno da casa, acessado sem os sapatos contaminados pelo exterior. Esta prática de retirar os sapatos ao entrar na casa foi recentemente disseminada como recomendação eficiente na redução da transmissão do vírus segundo a Organização Mundial de Saúde, implantando *genkains* mundo afora, modificando o entrar e sair de casa, rituais afeitos ao alpendre, à soleira.



Figura 8: Genkan no Nishi Chaya Shiryokan Museum, Kanazawa, Japão. Foto do autor.

⁹ *Genkan* é o termo em japonês para o hall de entrada na casa tradicional japonesa em que se deixam os sapatos usados na rua antes de entrar.

O caminhar pela cidade, a propalada *promenade architecturale*¹⁰ dos arquitetos modernistas, tornou-se arriscada, e a solução agenciada pelos aplicativos, restringiu o risco a grupos específicos em busca de sobrevivência ou no cumprimento de funções essenciais atestando que “[...]o espaço seria o conjunto indissociável de sistema de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não” (SANTOS, 2013, p. 46).

De acordo com Milton Santos, a alienação do homem urbano se processaria, entre outras razões, também por uma contínua perda referencial, e, em tempos de acelerada mobilidade, geraria demanda por novas relações de pertencimento, fundadas em experiências e repertórios exógenos. A virtualização da experiência da cidade, restrita a certos grupos sociais, pode ter hoje se tornado o principal motor desta alienação apontado por Santos. Haja vista, entre outros sintomas, a incipiente reação das comunidades ao crescimento vertiginoso do número de habitantes vulnerabilizados nas ruas das metrópoles latino-americanas, resultando em significativo aumento da demanda por soluções oficiais.

¹⁰ *promenade architecturale* é uma expressão francófona traduzida como passeio arquitetônico e conecta-se à concepção do espaço moderno, fundamental à compreensão as obras de Le Corbusier que expressamente declarava que o espaço de suas obras era pensado para ser vivido e aprendido de maneira gradual, a partir do deslocamento do corpo no espaço, e das diferentes visões que o caminhar possibilita ao espectador.



Figura 9: aumento do número de cidadãos morando na rua nas metrópoles.
Foto: Márcia Gregori

A invisibilidade das populações vulneráveis das cidades deixa de ser um conceito abstrato para revelar-se como fato concreto dada a redução dos deslocamentos de grupos capazes de mobilizar agentes responsáveis por políticas assistenciais.

Em outra chave, a cuidadosa montagem da imagem veiculada em plataformas de reuniões *online*, deu lugar a um sem número de aplicativos de fundos virtuais, disponíveis para *download*. A privacidade, outrora garantida pelo espaço público, hoje precisa ser mantida ao custo da edição digital, como meio de avaliar a construção de uma *persona*, devidamente desvinculada de dados de realidade.

Subitamente, as reuniões digitais passaram a ser *hackeadas*, forçando os organizadores a se valer de estratégias que possam reduzir este risco ao mínimo, e quando inevitável, mudar os eventos para plataformas, cujo formato não permita ingresso e participação simultâneos exceto por meio de *chat*, fazendo dos encontros, situações proto-sociais, monólogos. Usuários indignados, alijados em suas experiências de presença simulada, estão sujeitos à lógica algorítmica que estratifica o compartilhamento de informações em grupos semelhantes. Enquanto

isso, dados pessoais são acessados e utilizados de maneira não autorizada expondo a parca garantia de privacidade digital. A potência desta profanação¹¹ afirma entre outras características, os limites do dispositivo, a precariedade do encontro e sua forma de funcionamento.

O *hackeamento* nos coloca diante de uma característica que identifica o momento atual. De acordo com Agamben, para compreender o contemporâneo é preciso manter “(...) o olhar fixo no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (2010, p. 62). Para além das consequências impostas aos participantes das reuniões profanadas pelos hackers, há nesta ação algo que nos revela o tempo presente ao restituir ao senso comum, algo que dele se separou. Esse algo seria o espaço real, a presença física, a dimensões impactadas pela experiência do confinamento de nossos corpos, reordenando modos de habitar e modificando casa e cidade.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo; 2007.

_____. O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos; 2009, p.24-51.

_____. O que é o contemporâneo? In: *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica; 2010.

COLOMINA, B. *X-Ray Architecture*. Zurique, Suíça: Lars Muller; 2019

GUMBRECHT, H.U. *Produção de Presença*. Rio de Janeiro: Ed Contraponto; 2010.

HALL, E.T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1977.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro; 2001.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp; 2017.

ZEVI, B. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes; 2009.

¹¹ O termo *profanação* é utilizado por Agamben para caracterizar o pensamento crítico apto a subverter a dominação, colocando à disposição do uso e do gozo comum e coletivo dispositivos que serviam originalmente à separação, como o processo de restituição do sagrado ao profano no âmbito religioso.

Fontes eletrônicas e sites

LIMA, G. C. L. SCHECHTMAN, R., BRIZON, L. C., FIGUEIREDO, Z. M. (2020, Abril de 2020). *Transporte público e COVID-19: O que pode ser feito?* Rio de Janeiro. Centro de Estudos em Regulação e Infraestrutura da Fundação Getúlio Vargas (FGV CERI). Disponível em <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/cidades-espacos-publicos-e-comportamento-discussoes-sobre-o-cenario-urbano-no-contexto-de-pandemia-global/> Acesso em 11 nov. 2020.